

Fundindo o homem

Pequena reflexão de um percurso...



Num qualquer dia do calendário do mês de dezembro, desperto para mais um dia de entrega às práticas criativas de *atelier*.

Mergulhado na necessidade intrínseca da criação em *atelier*, espaço físico estratificado em três andares interligados pelos mundos que se cruzam e das múltiplas vidas que por ele fluem. Vindas de todas as partes do globo incitadas pela partilha, comunhão e ajuda na materialização dos seus projetos, encontram neste refúgio, espaço físico e humano pronto a impulsionar as suas ideias. É também neste lugar que me dou conta das realizações ao longo de um percurso de vinte anos (enquanto artista) partilhado com o de professor que exerço à catorze anos. Prática docente que se desenhou num período conturbado do *“pós-faculdade”*, onde pretendia satisfazer ambições e inquietações que surgiram enquanto aluno. Assim, a tomada de consciência dos ritmos de vida enquanto estudante, (das rotinas, experiências, discussões, o dar e receber, tocar vidas) permitiu-me aventurar na entrega aos outros, abraçando de corpo e alma uma possibilidade de carreira como professor à qual dei tudo, os primeiros anos foram de absoluta descoberta de uma realidade que conhecia apenas do *“outro lado da barricada”*, o lado do receber (julgava eu!). Rapidamente percebi que a atividade não se extingue nos quarenta e cinco minutos de aula mas que se trata de uma atividade que se vive, respira que passa a fazer parte de uma certa forma de encarar a vida, que nos acompanha em todas as horas em que encarnamos o papel de professor/educador e que faz parte de uma comunidade que procura educar os seus *“rebetos”* aplicando a máxima *“é necessário toda uma aldeia para educar uma criança”*. Este é o princípio pelo qual norteiei até hoje a minha atividade como homem, artista e professor.

Ao longo desta jornada tive a oportunidade de estabelecer uma relação muito estreita com os meus alunos particularmente fora do formato aula e *“saltar”* para o projeto *escola/comunidade/indivíduo*, é neste formato que o meu percurso mais me enriqueceu, longe dos *espartilhos* de um programa, apoiado na criatividade dos alunos e na sua vontade de se diferenciarem e emanciparem, próprio de quem se aventura nos primeiros passos da criação.

Aqui o meu papel como professor não se impõe mas aproxima, procura tornar possível, dar corpo e proporcionar em diálogo com as suas proposições.

Em paralelo, no decurso dos anos trabalhando como professor a minha perceção das realidades foram-se ampliando e transformando, do jovem impetuoso seguro de si e muitas vezes julgando-se *dono da verdade* a alguém que aprende a aprender com os outros, a tomar para si o melhor dos vários mundos, pois julgo que o conhecimento está em nós, no que nos rodeia, no que ajudamos a construir e na forma como nos permitimos à *convivência/conhecimento* com o próximo, deixando-nos levar pelos outros. No contacto com os outros, nas trocas de saberes, encontro muitas vezes as respostas que procuro permitindo o desenvolvimento do meu trabalho enquanto artista plástico.

No caminho percorrido, muito devo à minha mulher e companheira, Susana Paradinha, desta aventura de ser artista, com quem partilho uma parceria de longos e produtivos anos. *Pedra-basilar* neste período de indefinições soube, com mestria, dar o impulso fundamental para o despertar para uma nova realidade, agora autónoma sem as “obrigações de estudante” mas com novos papéis e responsabilidades, o ser pai, o ser marido, o ser artista e também o ser professor. Foi num universo que criamos que retomei a minha prática artística. Após um período de paragem encontrei um lugar que foi edificado pelos dois, à medida que também a nossa vida se foi construindo. Este *atelier* que nos serviu durante vários anos, onde trabalhamos muitas vezes em condições muito adversas (das temperaturas negativas a temperaturas elevadas, chuvas intensas, humidade absurda...) construímos juntos um percurso que nos trouxe até aqui.

Em conjunto com Joana Paradinha e Pedro Brito fundamos, à cinco anos, o nosso atelier a que os nossos amigos carinhosamente chamam de “*A Casa dos Milagres*”. É um espaço onde tudo é possível, num processo individual e coletivo procurando expandir as realizações individuais na nossa busca pela Arte. Neste espaço, diluem-se fronteiras, fundem-se ideias, entrecruzam-se vidas, mais disponíveis, mais preenchidas e livres.

Assim vai crescendo um homem que se aventura dia após dia nos trilhos do *conhecimento/criação* viajando num mundo de ação e partilha.

Porto, dezembro 2012

Joaquim Álvares de Sousa